

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

TIAGO MOREIRA

**NEOLOGISMOS COMO EXPRESSÃO DA INFÂNCIA: COMPARATIVO ENTRE
“CAMPO GERAL”, DE GUIMARÃES ROSA, E “TERRA SONÂMBULA”, DE MIA
COUTO**

CURITIBA

2022

TIAGO MOREIRA

**NEOLOGISMOS COMO EXPRESSÃO DA INFÂNCIA: COMPARATIVO ENTRE
“CAMPO GERAL”, DE GUIMARÃES ROSA, E “TERRA SONÂMBULA”, DE MIA
COUTO**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa e Literatura, do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima

CURITIBA

2022

TERMO DE APROVAÇÃO

NEOLOGISMOS COMO EXPRESSÃO DA INFÂNCIA: COMPARATIVO ENTRE
“CAMPO GERAL”, DE GUIMARÃES ROSA, E “TERRA SONÂMBULA”, DE MIA
COUTO

por

TIAGO MOREIRA

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de especialista no curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura, do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Curitiba, 3 de maio de 2022.

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima
Orientador

Prof. Dra. Maurini de Souza
Membro titular

Profa. M. Eliane Basilio de Oliveira
Membro titular

O termo de aprovação assinado encontra-se na coordenação do curso.

Dedico este trabalho à minha família, em especial ao pequeno Guilherme.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus pela capacidade concedida de trilhar e permanecer em Seu caminho.

Ao orientador, Prof. Dr. Marcelo, pela sabedoria com que me guiou nesta trajetória e pela paciência no percurso.

À minha família, pois acredito que sem o apoio deles seria muito difícil vencer esse desafio.

Enfim, a todos os que por algum motivo contribuíram para a realização desta pesquisa.

RESUMO

MOREIRA, Tiago. **Neologismos como expressão da infância: comparativo entre “Campo Geral”, de Guimarães Rosa, e “Terra Sonâmbula”, de Mia Couto**. 27 f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa e Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), 2022.

Ao se retratar a infância em obras literárias, por vezes a verossimilhança é buscada em elementos ligados ao contexto, à situação em que o(s) personagem(ns) está(ão) inserido(s), entretanto a constituição linguística do personagem também é um elemento a ser considerado como forma a garantir maior fidedignidade ao escrito. Neste trabalho, o propósito é, comparativamente, analisar duas obras – uma da Literatura Brasileira e outra da Literatura Africana – para observar como os autores relacionam construções neológicas à expressão da infância. Ao longo do percurso, também se buscou aporte em outros textos / obras literárias para que houvesse maior embasamento.

Palavras-chave: Neologismo. Infância. Literatura. Criação.

ABSTRACT

When portraying childhood in literary works, sometimes verisimilitude is sought in elements linked to the context, to the situation in which the character(s) is (are) inserted, however the linguistic constitution of the character is also an element to be considered in order to guarantee greater reliability to the writing. In this work, the purpose is to comparatively analyze two works – one from Brazilian Literature and the other from African Literature – to observe how the authors relate neological constructions to the expression of childhood. Along the way, other texts/literary works were also sought to be contributed so that there was greater grounding.

Keywords: Neologism. Childhood. Literature. Creation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 NEOLOGISMO - CONCEITUAÇÃO.....	11
3 NEOLOGISMOS E A LITERATURA.....	15
4 GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO: NEOLOGISMO QUE OS UNE.....	18
5 TERRA SONÂMBULA E CAMPO GERAL: O NEOLOGISMO EXPRESSA A INFÂNCIA	21
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

Em textos literários é recorrente a menção às crianças, o emprego de adjetivos e o relato de brincadeiras e/ou atividades que as caracterizam e definem. Todavia, algo que é deixado de lado, mas que é determinante na caracterização da infância são as palavras empregadas e o modo de ordenação empregado na composição de vocábulos. Para dar verossimilhança à representação desta fase da vida, alguns autores empregam, na linguagem utilizada por personagens infanto-juvenis, forte carga neológica

Como razões para o emprego de palavras novas estão a profícua atividade que as crianças efetuam de adaptar a linguagem que estão adquirindo ao mundo que se apresenta e a recursividade empregada no uso de vocábulos e, ainda, o fato de a língua ser viva, ou seja, ela permite transformações e adaptações por parte dos falantes.

Há autores que, em suas obras, empregam neologismos quando se referem ao universo infantil ou quando crianças assumem a missão de narrar, contar, como exemplo de autores que utilizam tal técnica narrativa estão Guimarães Rosa e Mia Couto.

O brasileiro Guimarães Rosa e o moçambicano Mia Couto são destaques em neologismos e o modo como estes aparecem nas obras revela o perfil de muitas personagens. Quando se enfocam personagens infantis isso não é diferente, tanto um como outro exploram a infância e evidenciam o processo de criação de termos pelas personagens. Tendo em evidência esse fato é que se propõe uma visão mais criteriosa desses processos e a busca pela essência de personagens através das palavras que compõem seu repertório, para isso, nesse trabalho, será analisado o conto *Campo Geral*, de Guimarães Rosa e a obra *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto.

Será adotada como linha teórica para análise a morfologia de base estruturalista e gerativista, com aporte das análises propostas por Joaquim Matoso Câmara Jr., Andrew Spencer, Maria Cristina Figueiredo Silva e outros autores e teóricos estruturalistas que permitem analisar/explicar as formações neológicas presentes nas obras citadas acima.

O *corpus* selecionado para análise nesse trabalho será proveniente das obras *Campo Geral* e *Terra Sonâmbula*, visto que ambos os textos apresentam riquezas de formas, variações e criações realizadas pelos personagens protagonistas, os

quais utilizam tal processo linguístico (neologismo) como forma de revelar tanto a intuição linguística imanente aos falantes, quanto a criatividade própria da infância. É válido ressaltar que esta análise não se debruçará em áreas ligadas ao pensamento ou às fases de desenvolvimento infantil – desenvolvimento intelectual e/ou vocabular; serão alvo da abordagem os neologismos propriamente ditos e a possível lógica por meio da qual foram elaborados.

2 NEOLOGISMO - CONCEITUAÇÃO

É fato por demais sabido que todas as línguas vivas estão continuamente a renovar seu acervo lexical. Às novas criações, dá-se o nome de neologismos, palavras novas. (SIMON, Maria Lúcia Mexias. **Neologismos**)

Criar palavras e modificar os significados das já existentes são tarefas tão rotineiras que muitas vezes não nos damos conta da sensação de novidade que nos despertam. (GONÇALVES, Carlos A. **Atuais tendências em formação de palavras**, 2016.)

O conceito mais difundido para neologismo remete à criação de palavras novas, ou seja, um neologismo consiste na geração de uma palavra nova em uma dada língua natural. Essa geração de um novo termo pode corresponder a algo totalmente novo ou, então, em dada situação, ressignificar um termo, ou seja, dar a uma palavra já existente um novo sentido/significado.

Os elementos realmente neológicos seriam aqueles a apresentar um significante inteiramente novo, a preencher uma nova necessidade linguística, sem utilização de nenhum item lexical já do conhecimento dos falantes. (SIMON, Maria Lúcia Mexias. **Neologismos**)

Todavia para que se construa o neologismo não basta simplesmente criar um novo vocábulo, é necessária a aceitação deste pela comunidade falante e assim a inserção do novo termo ao rol de possibilidades do idioma. É válido observar que os neologismos, seja em situações literárias ou não, partem do individual para o coletivo, ou seja, a criação e os primeiros usos tendem a ser restritos àquele(a) que o formulou e, logo a seguir, passa a ser compreendido e, talvez, utilizado por demais falantes que façam parte do contexto; assim, as obras que analisaremos demonstram essa tendência linguística. Outro ponto importante de ser destacado refere-se ao modo de constituição/formulação de tais estrutura – há tendência de referenciar, por meio de palavras, noções presentes no pensamento e aliá-las a “técnicas” já conhecidas, como, por exemplo, a forma “dinheirozinhosinho” registrada em ROSA (1984, p. 39), em que há a repetição de um sufixo conhecido e produtivo em Língua Portuguesa para expressar a pequenez, a pequena quantidade de dinheiro sobre a qual se falava.¹

¹ Não se trata de uma mera sufixação aqui, pois, embora haja o uso do sufixo a uma base (radical) existente em Língua Portuguesa, o sucessivo emprego do sufixo constitui algo novo, uma estratégia linguística nova o que caracteriza um neologismo, portanto.

Essa aceitação, no entanto, não acontece de maneira plena e fácil. Dado o caráter conservador da língua, muitas vezes, os neologismos têm difícil espaço no idioma. Mesmo quando as regras de formação vocabular são obedecidas, os falantes tendem a rejeitar os neologismos por considerá-los como formas erradas:

Os neologismos são novas palavras, criadas para dar conta de novas situações, novos conceitos, fatos, objetos, assim designadas por um determinado tempo. No entanto, tudo que é novo só o é durante um certo período. Com as palavras, ocorre o mesmo. Passado algum tempo, se consagradas pelo uso, são incorporadas aos dicionários e deixam de ostentar essa condição. Passam a vocábulos incorporados ao léxico. (BRAZ, Shirley Lima da Silva. **Recepção Lingüística: O Caso dos Neologismos Lexicais**)

Ou seja, o tempo acaba por gerar a aceitação da nova forma e os usuários da língua reconhecem, então, o valor e a capacidade comunicativa atrelados ao novo termo, fazendo uso ou não na comunicação.

O mais interessante é observar que os neologismos são construídos diariamente pelos falantes, conforme apontado anteriormente, devido ao caráter vivo da língua. Embora sejam constantemente criados, somente alguns passam a incorporar o léxico da língua, apenas os que são aceitos pelos falantes. Isso impede que a língua se torne um agrupamento de neologismos o que ocasionaria dificuldade de comunicação entre os falantes.

Para a criação dos neologismos, podem ser utilizadas palavras já existentes na língua e então por meio da prefixação, sufixação, composição, palavras-valise, reduplicação, siglificação, truncamento, transposição semântica, empréstimo ou decalque são gerados termos novos. Gonçalves (2016) aponta alguns possíveis motivos pelos quais ocorre a criação de palavras novas, segundo o autor:

1. **Nomear novas experiências** – trata-se da necessidade imanente às línguas naturais de denominar aquilo que de novo surge ou, então, designar nova forma de significado a um termo já existente. Corresponde à função de rotulação – forma de chamar / designar algo que anteriormente não havia, mas que, por necessidade de criação, passa a existir.

Para cunhar novas experiências, no entanto, não nos valemos apenas da importação de palavras (...). Também somos bastante criativos. Podem ser considerados relativamente recentes ofícios como *chapeiro* e *cachoreiro*, ambos criados a partir da adjunção do sufixo *-eiro* a formas vernaculares. (GONÇALVES, Carlos A. **Atuais tendências em formação de palavras**)

2. **Expressar uma ideia numa classe de palavras diferente** – há neologismos formados para que a palavra sofra mudança de classe gramatical e, assim, haja veiculação de uma informação nova – função de adequação categorial. É válido observar que nesse aspecto, há uso de morfemas como os sufixos para que os novos termos sejam cunhados: ao acrescentar sufixo(s) a uma base, tem-se um novo termo surgindo, com (possibilidade de) alteração de classe gramatical.

Palavras novas também são criadas para adequar sintaticamente o conteúdo de outra. [...] unidades lexicais podem ser cunhadas para efetuar uma mudança de classe, ao mesmo tempo em que veiculam informação nova. (GONÇALVES, Carlos A. **Atuais tendências em formação de palavras**)

3. **Fazer um texto progredir** – Corresponde ao uso de morfemas para a derivação de termos; por meio da derivação ocorre a mudança de classe gramatical o que, por vezes, é utilizado como recurso textual para a progressão (catáfora) ou retomada (anáfora) de elementos/informações. Basílio (1987) denomina tal uso de **função textual**, reconhece tal processo e comenta:

A função textual caracteriza-se, entre outros, pelos seguintes fatores:

- (i) Possibilidade de ocultamento do sujeito;
- (ii) Adequação a tipos de discurso;
- (iii) Factividade;
- (iv) Retomadas anafóricas ou catafóricas.

(BASÍLIO, Margarida. **Teoria Lexical**)

É válido ressaltar que a aplicação de morfemas derivacionais para criar termos e/ou alterar categorias gramaticais é um processo listado, estudado e analisado por outros autores, os quais observam que tal prática tem alto teor produtivo na língua, sendo aplicado em diversos e diferentes contextos.

4. **Expressar ponto de vista** – Outra justificativa para a criação neológica repousa no fato de que, ao cunhar um termo novo, o falante pode expressar seu juízo de valor acerca de algo – algum assunto, acontecimento ou fato – trata-se da função atitudinal, segundo a qual “pode envolver a manifestação de carinho, ternura, amor, simpatia/empatia, não somente em relação a pessoas [...], mas também em relação a outros seres animados [...]; pode ser a expressão de compaixão [...] ou atenuar condições miseráveis, deficiências e males [...] pode envolver a

manifestação de desprezo [...] a designação de coisas de pouco valor ou de pouca importância [...] ou formas de tratamento depreciativo. (GONÇALVES, 2016)

5. **Identificar-se com um grupo** – Nessa possível justificativa, tem-se um fator de base sociolinguística: algumas formações produzidas por falantes têm conexão com o sexo do falante, faixa etária, etc., ou seja, são “processos derivacionais (que) podem nos remeter a um grupo de falantes, fornecendo indícios de seu perfil sociolinguístico.” (GONÇALVES, 2016)

3 NEOLOGISMOS E A LITERATURA

A nova palavra criada é bailarina e desliza sobre a página branca do papel, executando malabarismos de toda ordem: sintáticos e semânticos. Manipulada com mestria, assume a forma pretendida pelo talento do autor, submetendo-se docilmente e gerando as variações infinitas do jogo verbal que encanta e seduz: natural e neológica como a própria criança.

(...) a literatura é um dos universos de manifestação discursiva em que a presença de neologismos tem sido frequente. Os neologismos estão, no que tange à formação, num lugar especial do estudo morfológico, envolvendo aspectos que englobam, entre outros, as questões pragmática e estilística e, em suma, constituem uma presença inevitável na língua viva. (CAMPOS, Solange Maria Moreira. **Malabarismos lexicais na literatura: os neologismos visitam a sala de aula**, 2012)

O exposto até aqui permite perceber que a criação vocabular tem variadas motivações e, embora as razões apresentadas tenham cunho utilitário, é válido salientar o emprego dos processos derivacionais na Literatura, quando a criação de novos termos assume papel estético, isto é, revela a perspicácia de autores na geração de personagens e, durante o processo criativo, a produção vocabular é utilizada como meio de garantir a verossimilhança – Guimarães Rosa, Mia Couto, Ruth Rocha, por exemplo, utilizam-se da exploração de aspectos linguísticos em seus textos ao colocar na fala de personagens termos neológicos e, com isso, revelam a capacidade inventiva própria da infância².

(...) os itens lexicais criados para um conto, um romance ou para um poema ficam presos a esses contextos e, diferentemente dos neologismos empregados em contextos de comunicação comuns, apresentam um valor estilístico e de momento. Pode ser investigada a expressividade das criações de palavras no âmbito literário, fazendo-se, pois, um estudo estilístico. (CAMPOS, Solange Maria Moreira. **Malabarismos lexicais na literatura: os neologismos visitam a sala de aula**, 2012)

A obra *Marcelo, Marmelo, Martelo*, de Ruth Rocha é um exemplo da exploração de neologismos por parte de um personagem criança – Marcelo, o qual está se descobrindo e descobrindo a linguagem³:

E Marcelo continuou pensando: "Pois é, está tudo errado! Bola é bola, porque é redonda. Mas bolo nem sempre é redondo. E por que será que a bola não é a mulher do bolo? E bule? E belo? E bala? Eu acho que as coisas deviam ter nome mais apropriado. Cadeira, por exemplo. Devia

² Fase em que ocorrem inúmeras descobertas, aprendizados e, dado o momento, muitas vezes faltam termos (que são "corriqueiros" a um adulto) às crianças para designar elementos e situações, sendo assim a capacidade criativa é posta em prática.

³ Na citação apresentada, retirada de *Marcelo, marmelo, martelo*, foram grifados (sublinhados) os neologismos.

chamar sentador, não cadeira, que não quer dizer nada. E travesseiro? Devia chamar cabeceiro, lógico! Também, agora, eu só vou falar assim

Logo de manhã, Marcelo começou a falar sua nova língua:

— Mamãe, quer me passar o mexedor?

— Mexedor? Que é isso?

— Mexedorzinho, de mexer café.

— Ah... colherinha, você quer dizer.

— Papai, me dá o suco de vaca?

— Que é isso, menino!

— Suco de vaca, ora! Que está no suco-da-vaqueira.

— Isso é leite, Marcelo. Quem é que entende este menino?

(...)

Quando vinham visitas, era um caso sério. Marcelo só cumprimentava dizendo:

— Bom solário, bom lunário... — que era como ele chamava o dia e a noite.

(...)

Até que um dia... O cachorro do Marcelo, o Godofredo, tinha uma linda casinha de madeira que Seu João tinha feito para ele. E Marcelo só chamava a casinha de moradeira, e o cachorro de Latildo. E aconteceu que a casa do Godofredo pegou fogo. Alguém jogou uma ponta de cigarro pela grade, e foi aquele desastre!

Marcelo entrou em casa correndo:

— Papai, papai, embrasou a moradeira do Latildo!

— O quê, menino? Não estou entendendo nada!

— A moradeira, papai, embrasou...

— Eu não sei o que é isso, Marcelo. Fala direito!

— Embrasou tudo, papai, está uma branqueira danada!

Seu João percebia a aflição do filho, mas não entendia nada...".

(ROCHA, Ruth. **Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias**, 1976)

A autora, Ruth Rocha, de forma criativa e bem-humorada, demonstra a capacidade criativa e inventiva própria das crianças; além disso atribui a Marcelo uma perspicácia bastante grande para a criação lexical – por meio de relações, novas atribuições de sentido, enfoque pragmático, o garoto elabora termos que aproximam a linguagem do objeto a ser referenciado e/ou designado – mesmo que haja dificuldade de comunicação entre Marcelo e seus pais, o menino continua em sua busca por uma “lógica⁴” que, para ele, deveria existir na linguagem.

Na literatura, os neologismos têm um papel e exercem uma função importante. Eles causam surpresa e estranhamento no leitor e resultam em expressividade. Essa expressividade só é alcançada pela nova unidade lexical quando combinada com outras palavras no nível da frase. O contexto é que determinará se o neologismo tem ou não valor para aquela obra. Esse contexto pode ser a frase, o capítulo ou o texto na sua totalidade. (CAMPOS, Solange Maria Moreira. **Malabarismos lexicais na literatura: os neologismos visitam a sala de aula**, 2012)

⁴ O termo “lógica” aqui utilizado corresponde ao conceito de não-arbitrariedade. Saussure (2006) propõe que **o signo linguístico é arbitrário** (p. 81), imotivado, ou seja, não há uma relação direta entre o signo e seu significado, porém o que Marcelo busca é estabelecer essa relação, assim em vez de “leite”, o garoto cria “suco de vaca”, no lugar de “cadeira”, utiliza “sentador”, etc.

É válido ressaltar que as motivações elencadas no tópico anterior (2) podem ser percebidas no recorte apresentado, porém não será aplicada tal análise, pois foge à intenção do presente trabalho.

4 GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO: NEOLOGISMO QUE OS UNE

Mia Couto, pseudônimo de Antônio Emílio Leite Couto, nasceu na cidade da Beira, em Moçambique, África, no dia 5 de julho de 1955. Filho de Fernando Couto, emigrante português, jornalista e poeta que pertencia aos círculos intelectuais de sua cidade. Atuou como jornalista e estudou medicina, mas formou-se em biologia e hoje trabalha em estudos ambientais. Ganhador do Prêmio Camões de 2013. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras para a cadeira n.º 5.

João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo, pequena cidade do interior de Minas Gerais, no dia 27 de junho de 1908. Filho de um comerciante da região, aí fez seus estudos primários, seguindo em 1918, para Belo Horizonte, para casa de seus avós, onde estudou no Colégio Arnaldo. Coursou Medicina na Faculdade de Minas Gerais, formando-se em 1930, algum tempo depois abandona a profissão para dedicar-se a outras atividades, entre elas, a literatura. Em 1963, Guimarães Rosa foi eleito por unanimidade para a Academia Brasileira de Letras, mas somente tomou posse em 16 de novembro de 1967. Três dias depois da posse, sofreu um infarto. João Guimarães Rosa morreu no Rio de Janeiro, no dia 19 de novembro de 1967.

A linguagem de Mia Couto se aproxima da de Guimarães Rosa, tanto na escritura do autor moçambicano, como na do autor brasileiro, há, pela tradição verbal e pelo humor, uma dinamização do ato de conhecer, o qual se torna livre das interpretações estereotipadas. O chiste quebra o esperado e põe em questão as "verdades acabadas", desafivelando a imaginação e desalienando o pensamento. (SECCO, 2000, p 271).

Se há uma grande produção de conto na literatura africana isso não decorre de um processo de registro escrito daquilo que foi pensado oralmente. Considerada dessa forma a questão não passa de uma simplificação de um complexo processo que envolve o escritor de um país que foi colonizado e a sua luta pela independência e autonomia política e cultural, além de seu desejo de registrar os traços da cultura de seus conterrâneos, sem que isso signifique abandonar todas as influências a que esteve sujeito.

A oralidade tem, efetivamente, constituído uma das marcas da produção literária africana, que tem trazido para suas narrativas a representação das práticas culturais da sociedade sobre a qual se fala, e que estão presentes não só no conto, mas também no romance. (TEDESCO, 2008, p194).

Mia Couto não mascara os conflitos que, ao longo da estória, assinalaram as relações autoritárias do português frente aos idiomas nativos, entretanto chama a atenção para o fato de a língua portuguesa, atualmente, ser patrimônio de todos os moçambicanos, na medida em que "estes a sujaram com as cores da terra e fizeram amor com ela". (COUTO, 11-09-97)

"Estou a fazer um rio insistia. As águas haveriam de nutrir as muitas sedes, confeitar peixes e terras. Por ali viajariam esperanças, incumpridos sonhos. E seria o parto da terra, do lugar onde os homens guardariam, de novo, suas vidas [...] limparia a terra, cariciando suas feridas." (p.105)

Pedro Xisto no ensaio "À busca da poesia", o qual se encontra no livro *Guimarães Rosa*, de Afrânio Coutinho diz:

(...) Assim o é na prosa de Guimarães Rosa, como fora nos longínquos inícios do gênero. A prosa global onde as repartições e as ligações sintáticas ou, ainda, não existem ou já foram superadas. O tudo é o que conta. A palavra, como entidade. E não como parcela ou fragmento que, mesmo tendo garra sobre a escritura, com isso a ressalta apenas. A palavra é o inerente. As palavras, a cadeia. Estas, a prosa. Aquela, a poesia. As palavras estão, sempre, voltadas para a palavra.

Pode-se perceber com tal afirmação, que a palavra é de extrema importância para a significação em Rosa. Podemos enxergar a inovação da linguagem literária, que provém, em boa parte, dos Gerais. O próprio autor diria em entrevista concedida a Günter Lorenz: "*... meu método... implica na utilização de cada palavra como se ela tivesse acabado de nascer, para limpá-la das impurezas da linguagem cotidiana e reduzi-la a seu sentido original.*"

Sobre o aspecto linguístico da revolução *roseana*, devemos acentuar a maneira criativa com que o autor trabalha os recursos expressivos da linguagem. Tomando como matéria prima a fala do sertanejo mineiro, submete-a a um cuidadoso processo de estilização, depurando-a e enriquecendo-a com recursos estilísticos eruditos.

Guimarães Rosa não inovou apenas a linguagem em sua dimensão formal. Ele revolucionou totalmente o modo como acontecia até então. Rosa foi de um brilhantismo inovador. "*A língua roseana deixou de ser unidimensional. Converteu-se em um idioma no qual os objetos flutuam numa atmosfera em que o significado de cada coisa está em continua mutação.*" (FRANKLIM, 2000)

A renovação de uma linguagem não possui, para Rosa, uma função meramente estilística. Afinal, como disse o próprio autor "*somente renovando o idioma se pode renovar o mundo*".

Em Rosa:

Após sua leitura, começou-se a entender de novo uma antiga verdade: que os conteúdos sociais e psicológicos só entram a fazer parte da obra quando veiculados por um código de arte que lhes potencia a carga musical e semântica. E, em consonância com todo o pensamento de hoje, que é um pensar a natureza e as funções da linguagem, começou-se a ver que a grande novidade do romance vinha de uma alteração profunda no modo de enfrentar a palavra. Para Guimarães Rosa, [...], a palavra é sempre um feixe de significações: *mas ela o é em um grau eminente de intensidade se comparada aos códigos convencionais de prosa*. Além de referente semântico, o signo estético é portador de sons e de formas que desvendam, fenomenicamente, as relações íntimas entre o significante e o significado. (BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**, 2017)

5 TERRA SONÂMBULA E CAMPO GERAL: O NEOLOGISMO EXPRESSA A INFÂNCIA

“A infância não é um tempo, não é uma idade, uma coleção de memórias. A infância é quando ainda não é demasiado tarde. É quando estamos disponíveis para nos surpreendemos, para nos deixarmos encantar.” (Mia Couto, 2015).

A forma poética adotada pelo autor, torna os textos de Mia Couto uma leitura deliciosa e envolvente. Em particular, no livro *Terra Sonâmbula*, o uso de neologismos traz para a obra um sentido particular, além de contribuir para a verossimilhança pretendida.

No primeiro capítulo, quando Muidinga comenta sobre os pais (p 12), e Tuahir não consegue entender o porquê de tanta procura, ele diz: “*Desconsigo de entender. Vou-lhe contar uma coisa: seus pais não lhe vão querer ver nem vivo.*” (p.12)

A expressão dá maior leveza ao texto e certa melodia e encantamento à fala. O uso do neologismo é constante na obra desse autor. Ao buscar elementos das mitologias tribais, das lendas e dos causos regionais, de um português com seus *machimbombos* (ônibus), *quizumbas* (hienas), *xicuembos* (feitiço), *xipocos* (fantasma) enriquecendo nosso vocabulário, contribui para a construção de uma identidade nacional moçambicana e nos mostra a riqueza cultural e folclórica de uma África que não conhecemos pelos noticiários internacionais.

Terra Sonâmbula conta a história do velho Tuahir e do “miúdo” Muidinga, refugiados da guerra que, caminhando por uma estrada abandonada, abrigam-se em um *machimbombo* (ônibus) destruído pelo fogo. Ao sepultarem os mortos que estavam no veículo, encontram pelo caminho uma mala com os onze cadernos de Kindzu, personagem que, através destes escritos, narra sua história póstuma. O romance se desdobra então em dois planos: o primeiro, em terceira pessoa, narra a história de Tuahir e Muidinga em sua luta diária pela sobrevivência, e a transformação deste último de menino em homem; já o segundo, narrado geralmente em primeira pessoa, é a história de Kindzu contada por ele mesmo em seus cadernos. São assim, onze capítulos e onze cadernos que nos apresentam a guerra, a dor, o amor e a esperança por meio do sonho. E talvez seja este o sentido da literatura de Mia Couto, cultivar o sonho nos “vivos que se acostumaram ao chão”. É o que diz o *xipoco* (fantasma) a Kindzu em um dos diálogos do livro:

- O que andas a fazer com um caderno, escreves o quê?
- Nem sei pai. Escrevo conforme vou sonhando.
- E alguém vai ler isso?
- Talvez.
- É bom sim: ensinar alguém a sonhar."

Esses escritos trazem histórias de uma *terra sonâmbula*: o sono, o sonho, pesadelos e visões misturam-se na história do narrador que leva o nome de uma palmeira de onde saía o vinho preferido do pai, o velho Taímo que o bebia até a inconsciência e tinha sonhos reveladores. "Meu pai sofria de sonhos, saía pela noite de olhos transabertos" (p.18).

Mia Couto recria com os três personagens o espaço geográfico e histórico do seu país, Moçambique, onde o mar e o rio, o céu e as suas muitas cores, o verde e os animais são parte de um ritual só, que a natureza repete todos os dias apesar da guerra. O universo linguístico também é recriado, um universo semiótico único onde as palavras ganham também o *status* de identidade. Expressões como sozinhar, desdelicado, absurdez, desvirtudes, e muitas outras, são alguns dos neologismos empregados pelo autor, trazendo ao texto "novidades" na fala das personagens e que define Mia Couto como um dos autores africanos que fazem uso desse "universo linguístico" na literatura africana, como Guimarães Rosa na literatura brasileira.

Em *Campo Geral*, Guimarães Rosa emprega magistralmente neologismos ao longo da narrativa construída. Apesar de ser narrada em terceira pessoa, a história é filtrada unicamente pelo ponto de vista de Miguilim, ou seja, a seleção dos fatos é feita sob a ótica de Miguilim e, por essa razão, o mundo infantil explorado e organizado a partir das vivências de um "menino sensível, delicado, inteligente, empenhado em compreender as pessoas e as coisas".

Para compor *Campo Geral*, uma narrativa profundamente lírica, foram empregados inúmeros neologismos, os quais demonstram a vivacidade da língua, a capacidade criativa do menino Miguilim e conferem verossimilhança à história, visto tratar-se de um menino do interior na fase das descobertas e compreensão do mundo. Por isso trechos como os transcritos abaixo são corriqueiros no todo narrativo:

"(...) Lá os cachorros deixavam. Mas quando ele [Miguilim] queria sair para o pátio, na frente da casa, aí a cachorrama se ajuntava, o esperto do gato repulava em qualquer parte, subia escarreirado no esteio, mas

breviado também, *gadanhava* se *arredobrando* e *repufando*, a raiva dele punha um atraso nos cachorros(...)" (ROSA, 1984, p. 29)

"(...) Seo Deográcias falava tão engraçado: - "O senhor, seo Nhô Berno, podia ter a cortesia de me agenciar para mim um *dinheirozinhosinho*, pouco, por ajuda?(...)" (ROSA, 1984, p. 39)

"(...) Chegou, e não falou nada. Não tomou a bênção. Pai estava lá. — O que é que este menino xixilado está pensando? Tu toma a bênção ?!" Tomou a bênção, baixinho, surdo. Ficava olhando para o chão. Pai já estava encostado nele, como um boi bravo. Miguilim *desquis* de estremecer, ficou em pau, como estava. Já tinha resolvido. Pai ia bater, ele aguentava, não chorava. Pai batia até matar(...)" (ROSA, 1984, p. 129)

Os neologismos cumprem, portanto, a função de caracterizar o modo de seleção dos fatos operada por Miguilim e retratar a criatividade pertencente a esta fase da vida na qual se encontra a personagem Miguilim, com isso a narrativa ganha em verossimilhança e qualidade.

Conforme foi mencionado acima, analisar os neologismos presentes na obra roseana é bastante desafiador, dado o emprego que o autor fez de termos regionais juntamente com os neologismos, então, para um efetivo estudo é necessário reconhecer e diferenciar o que é neologismo e o que é regionalismo dentro da obra. O emprego de regionalismos relaciona-se ao período atravessado pelo modernismo – a geração de 1960 – fase voltada para os problemas e mazelas sócias e o retrato das regiões brasileiras pela literatura, retrato este que se valia das formas humanas, formas vocabulares (regionalismos) e também dos neologismos.

A maior inovação nos livros de Guimarães Rosa é a linguagem: criativa, que explora a sonoridade das palavras, incorpora a fala regional, cria termos adaptando expressões de outras línguas. Essa novidade obriga o leitor a refletir sobre o significado das palavras para compreender a nova dimensão dada a conteúdos já conhecidos – "(...) aparecem palavras novas quando novos fenômenos ocorrem ou quando surge um conceito diferente ou, ainda, um objeto é inventado." (GONÇALVES, Carlos A. **Atuais tendências em formação de palavras**, 2016)

Dentre os processos apresentados no item *Neologismo – conceituação*, percebe-se que Guimarães Rosa utiliza-se da prefixação (ex. *desquis*, *repulava*), sufixação (ex. *cachorrama*, *dinheirozinhosinho*), além de haver casos de composição, reduplicação e truncamento (ex. *bebelambendo*) a grande maioria utilizando-se de palavras já existentes no idioma. Em síntese, podem-se classificar os neologismos como sendo: "(...) mais freqüentes (...) a partir de elementos do

próprio idioma, agrupados de maneira inusual, com ajustes no significado. (...)”
(SIMON, Maria Lúcia Mexias. **Neologismos**)

Finalmente, Abreu (2003) destaca que: “Como as sociedades humanas são dinâmicas, a todo momento surgem coisas ou situações novas que devem ser representadas linguisticamente. Temos, então, de criar palavras novas [...].”
(ABREU, Antônio Suárez. **Gramática mínima para o domínio da língua padrão**, 2003)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das obras permitiu concluir que os neologismos e seu emprego conferem verossimilhança ao texto, principalmente quando utilizados em referência a personagens infantis ou no retrato, relato de fatos pertencentes a este mundo ou filtrado sob a ótica infantil. Reiterando a citação de Abreu (2003):

“Como as sociedades humanas são dinâmicas, a todo momento surgem coisas ou situações novas que devem ser representadas linguisticamente. Temos, então, de criar palavras novas [...]” (ABREU, Antônio Suárez. **Gramática mínima para o domínio da língua padrão**, 2003)

Segundo o autor, é possível perceber que a dinâmica da comunicação humana pressupõe a criação e/ou adaptação de termos para as mais diversas necessidades comunicativas às quais os falantes são expostos. Dito isso, a Literatura corrobora para que o aspecto criativo da linguagem seja manifesto e emprega tal característica na composição de personagens na busca de revelar, por meio da linguagem, os mais diferentes e diversos aspectos.

Um aspecto a ser destacado no desenvolvimento deste trabalho foi diferenciar o que é neologismo do que se constituem regionalismos. Como os autores referenciados nesta análise empregam termos regionais ao lado de neologismos, diferenciar o que pertence a um grupo do que pertença a outro, assim como identificar o porquê da utilização dos neologismos constitui propósito para futuros estudos, bem como esmiuçar a estrutura própria das criações neológicas e observá-las sob diferentes aspectos de correntes linguísticas. Vale ressaltar que a plena compreensão de tal recurso linguístico leva em conta fatores extralinguísticos, sociais e contextuais. Portanto, o que se considerou como neologismos aqui foram palavras novas, que não compõem o léxico do Português Brasileiro e não compõem regionalismos pertencentes à região onde foram ambientados os fatos descritos nas narrativas.

A oralidade tem, efetivamente, constituído uma das marcas da produção literária, tanto do brasileiro Guimarães Rosa, quanto do africano Mia Couto e tem enriquecido a literatura retratando, de forma simples e ao mesmo tempo rica, a sociedade sobre a qual se fala. Uma vez que, como afirma Simon, “*a língua viva está em constante renovação, podemos reconhecer, na literatura, a forma mais interessante de retratar essas transformações*”.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. **Gramática mínima para o domínio da língua padrão**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1991. Série Princípios.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 51ed. – São Paulo: Cultrix, 2017.

BRASIL, Assis. **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1969.

BRAZ, Shirley Lima da Silva. “**Recepção Linguística: O Caso dos Neologismos Lexicais**”. In: [http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno13-20.html#:~:text=Os%20neologismos%20s%C3%A3o%20novas%20palavras,as%20palavras%2C%20ocorre%20o%20mesmo](http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno13-20.html#:~:text=Os%20neologismos%20s%C3%A3o%20novas%20palavras,as%20palavras%2C%20ocorre%20o%20mesmo.). [acesso em 27 de junho de 2021].

CAMPOS, Solange Maria Moreira. **Malabarismos lexicais na literatura: os neologismos visitam a sala de aula**. Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

COUTINHO, Afrânio (Org.). **Guimarães Rosa**. 2. ed, Col. Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

COUTO, Mia, **Tradutor de chuvas**. Portugal. Ed Caminho, 2015.

GONÇALVES, Carlos A. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

ROCHA, Ruth. **Marcelo, marmelo, martelo**. São Paulo: Moderna, 1999.

ROSA, Guimarães. **Manuelzão e Miguilim**. 30. ed, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SANDMANN, Antonio José. **Morfologia Lexical**. São Paulo: Contexto, 1992.

SAUSSURE, Ferdinand de; organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye. **Curso de linguística geral**. São Paulo: CULTRIX, 2006.

SEPÚLVEDA, Maria do Carmo & SALGADO, Maria Teresa. **África & Brasil: letras em laços**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000.

SIMON, Maria Lúcia Mexias. “**Neologismos**”. In: http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ2_11.htm [acesso em 27 de agosto de 2021].